

HAROLDO DE CAMPOS LEITOR DE ANTONIO CANDIDO: ALGUNS APONTAMENTOS

[HAROLDO DE CAMPOS READER OF ANTONIO CANDIDO: SOME NOTES]

Diana Junkes (UFSCar/CNPq)ⁱ

ORCID 0000-0002-5465-8030

Universidade Federal de São Carlos/CNPq - São Carlos, SP, Brasil

Resumo: Afastando-me da polêmica, já bastante desgastada, entre as ideias de Antonio Candido e Haroldo de Campos acerca da história da literatura, a respeito das quais vasta fortuna crítica pode ser mobilizada pelos estudiosos, procuro destacar neste texto alguns caminhos menos explorados acerca do debate sobre a *formação* (ou *razão antropofágica*) da literatura brasileira, ao mesmo tempo que apresento registros das leituras da obra de Antonio Candido empreendidas por Haroldo de Campos. O objetivo é tão somente apontar alguns caminhos que, somados às trajetórias já desenvolvidas sobre suas reflexões, possam trazer alguma contribuição, mas escapa ao âmbito deste artigo aprofundá-los.

Palavras-chave: Antonio Candido; Haroldo de Campos; *Formação da literatura brasileira*; razão antropofágica; origem.

Abstract: Moving away from the controversy, already quite worn out between the ideas of Antonio Candido and Haroldo de Campos concerning to the history of literature, which has vast critical fortune produced by scholars, I preferred to highlight in this text some less explored paths about the debate on the formation (or anthropophagic reason) of Brazilian literature, at the same time that I present records of the readings of Antonio Candido's work undertaken by Haroldo de Campos. The objective is only to point out some paths that, added to the trajectories already developed on their reflections, may bring some contribution, but it is beyond the scope of this text to deepen them.

Keywords: Antonio Candido; Haroldo de Campos; *Brazilian literature formation*; anthropophagic reason; origin.

1. Duas concepções de história da literatura brasileira

1.1 O sistema literário num país periférico

Opto por introduzir um breve comentário à *Formação da literatura brasileira* ([1959] 1996) por um viés não muito habitual, que se justifica porque, de um lado, amplia o foco do que está proposto na obra e, de outro, abre perspectivas para explorar as divergências de Haroldo de Campos em relação às proposições de Antonio Candido.

Formação da literatura brasileira foi publicado em 1959 (o prefácio assinado à primeira edição é de 1957), o livro, como pontua o autor no prefácio à primeira edição, foi escrito entre 1945 e 1951 e retomado, posteriormente, para uma revisão, entre 1955 e 1956. Não se pode deixar de considerar que, no contexto do imediato pós-guerra, as ideias da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e Caribe) eram fundamentais e dirigiam os esforços dos governos da América Latina a uma proposta de desenvolvimento atrelada à superação da condição agrário-exportadora dos países ditos, à época, subdesenvolvidos.

A CEPAL foi criada em 1948, com o objetivo de incentivar a cooperação econômica entre seus membros. Bem resumidamente, para a comissão, havia um desequilíbrio entre as nações, dado ao fato de alguns países ocuparem posição central, em termos econômicos, e outros, posição periférica. Ou seja, aos países centrais industrializados cabia a primazia econômica sobre os periféricos, que eram responsáveis pela produção de produtos primários. Assim, os países periféricos até então, seguindo o que David Ricardo (RICARDO, 1996)¹ chamaria de “lei das vantagens comparativas”, eram agrário-exportadores, pois esta seria a sua “vocação”, diante da divisão internacional do trabalho.

A saída para o gargalo imposto à periferia pelo centro seria, segundo os economistas da CEPAL, nomeadamente Raul Prebisch (PREBISCH, 1982), a industrialização, ou seja, um processo de substituição de importações que, ao desenvolver a indústria nos países periféricos, trouxesse a modernização e a consequente superação da condição agrário-exportadora. Para Sérgio Buarque de Holanda ([1936] 1998), a modernização

¹ A publicação original é de 1817.

alteraria, ainda, a lógica das relações sociais, herdeiras do Brasil colonial, pois as relações de trabalho imporiam novas formas de convívio entre as classes e tenderiam a dirimir a fusão vida pública/privada, entre outros aspectos.

A partir dos anos 1950, intensificou-se um processo de substituição de importações que já estava em curso, como modo de ultrapassar o subdesenvolvimento. Nesse contexto, a pedra angular da reflexão necessariamente se colocava sobre a “formação” e a tentativa de compreensão de uma história colonial a ser ultrapassada. Não é coincidência o fato de que Celso Furtado publique, em 1958, *Formação Econômica do Brasil* e de que Caio Prado Junior publique, antes ainda, em 1942, *Formação do Brasil Contemporâneo*. Trata-se de esforços dirigidos à compreensão da constituição de estruturas políticas, econômicas, sociais, suas especificidades e potenciais formas de ultrapassar uma condição de subdesenvolvimento, em todos esses campos. Parte-se do princípio de que, sem entender o que é a formação, não se pode pensar no desenvolvimento, já que a história traz implicações sérias para a análise.

O pensamento sociológico de Candido dialogava com a produção intelectual da época, voltada para a discussão de nossa condição periférica, e buscava contribuir, como o fez, inquestionavelmente, para a compreensão de uma ideia de formação brasileira atrelada à literatura. Claro está que essa abordagem não exclui ou substitui as demais abordagens de sua obra, mas certamente recoloca alguns termos da discussão para o estudo de *Formação da literatura brasileira* especificamente, pois as relações entre Candido e a Cepal são exploradas, em geral, quando se trata do ensaio *Literatura e Subdesenvolvimento*, de 1970.

Por isso, ainda que pese o impacto do argumento sustentado em *Formação da literatura brasileira* de que nossa literatura era periférica, um ramo secundário, e mesmo que isso seja discutível, apesar de todas as implicações da questão da origem, como, entre outros, apontou Gonzalo Aguilar (2005) – e é nessa direção que vai a crítica veemente de Haroldo de Campos –, descolar a análise de Candido do debate cepalino acerca de centro/periferia é perder de vista a envergadura de sua contribuição no âmbito do momento político e econômico vivido pelo continente latino-americano como um todo e pelo Brasil, em particular, quando da produção da obra, atrelada à consciência de era preciso superar, justamente, a posição de “arbusto” em termos das trocas internacionais e da divisão internacional do trabalho.

A questão da circulação ou “exportação” da nossa literatura poderia ser levantada aqui, sobretudo porque Candido não deixa de mencionar o impacto e a circulação de literaturas como a inglesa e a francesa, entre outras. Um país periférico também fica reduzido em sua produção artística e cultural. Chamo a atenção para um aspecto que vai além de pensar a literatura e sua circulação como um *continuum* da vida social, que é a importância de não descolar a leitura da literatura do estado das artes das reflexões vigentes. Parece-me que esse caminho pode abrir um diálogo menos explorado proporcionalmente a outros relativos à relação entre literatura e sociedade na obra de Candido, pelo menos no que tange ao *Formação da literatura brasileira* (CANDIDO, 1959).

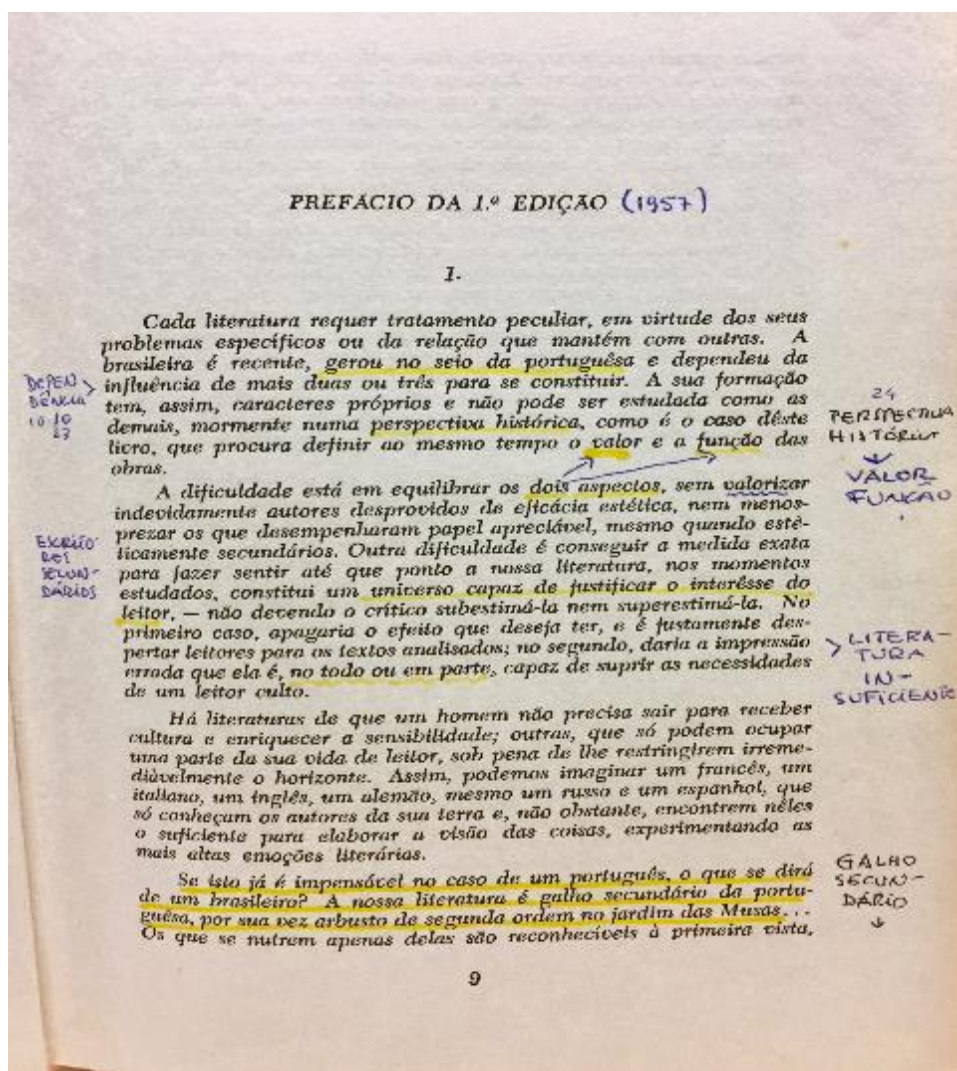
Diante desse contexto, a proposição da literatura como sistema, que é uma das maiores contribuições de *Formação*, é extremamente perspicaz e vai em direção à demonstração, entre outros aspectos fundamentais, da ultrapassagem de uma produção literária “primária”, presa às vantagens comparativas ricardianas “inerentes à sua vocação”. Tratava-se, pois, de questionar a “vocação” dessa literatura. A literatura como sistema, feitas as devidas ressalvas, estaria, no âmbito literário, como a substituição de importações no âmbito econômico, de modo que o que opera sob esses dois aspectos é a autonomia do país. Em outras palavras, a literatura tornar-se-ia brasileira, de fato, quando, para além do seu caráter “pobre e fraco”, como destacado no excerto abaixo, avançasse em direção ao fortalecimento do sistema, a um “sentimento íntimo” e efetivamente brasileiro, como o chamaria Machado de Assis².

Aqui é preciso um cuidado: Antonio Candido não está aplicando o modelo cepalino à literatura, tampouco o adaptando à literatura, mas, ao reelaborar ideias circulantes à época, insere-se no conjunto de intelectuais que tomavam como parâmetro a dicotomia centro/periferia, não apenas no Brasil, mas na América Latina como um todo. Vejamos abaixo algumas páginas da obra de Candido anotadas por Haroldo de Campos³:

² Cabe aqui a indicação da crítica machadiana feita em “Notícia atual da literatura brasileira: o instinto de nacionalidade” (1873) ao que ora estamos associando a vantagens comparativas. Nessa chave de leitura, poderíamos argumentar que Machado, ao criticar a literatura indigenista pitoresca, atenta para o fato de que nossa “vantagem comparativa” não poderia ser reduzida a ela. Não é à toa, sabemos, que convoca justamente o Hamlet para argumentar nesse sentido (ASSIS, 1959).

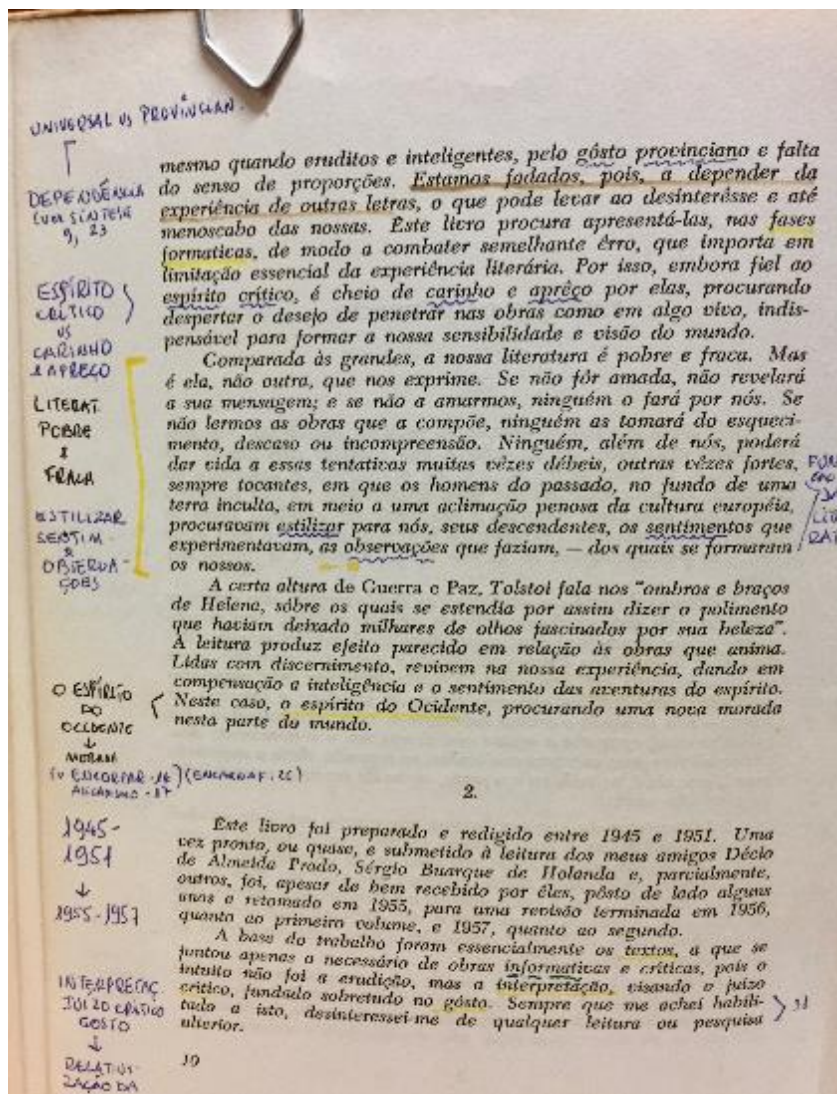
³ As fotos da obra de Candido aqui apresentadas foram tiradas do exemplar existente no acervo de Haroldo de Campos, com anotações do poeta. Centro de Referência Haroldo de Campos/ Casa das Rosas, ao qual agradeço a disponibilização.

Imagem 1



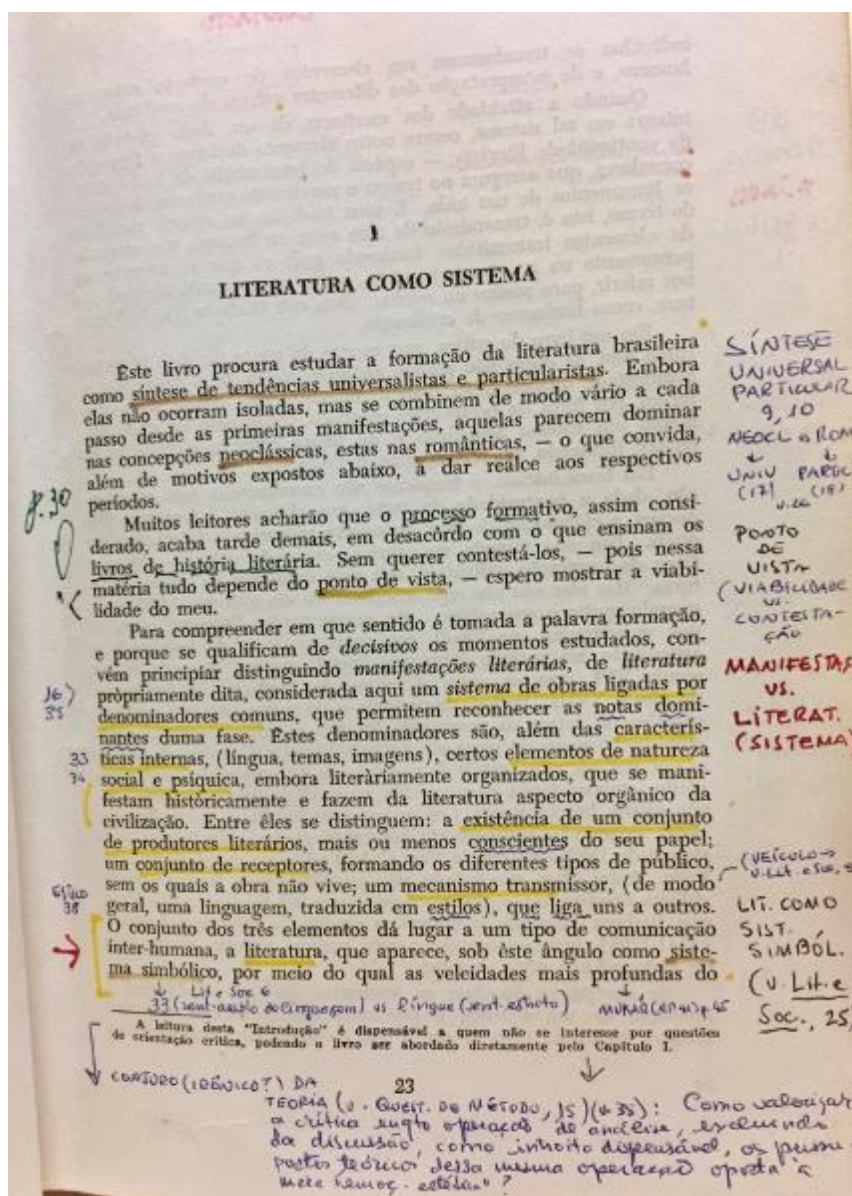
CANDIDO, A. (1969): Formação da literatura brasileira: (momentos decisivos): 1º volume: (1750-1836), 3ª ed., São Paulo: Martins, v. 1. [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 532 / 3ª ed. / v. 1], p. 9.

Imagem 2



CANDIDO, A. (1969): Formação da literatura brasileira: (momentos decisivos): 1º volume: (1750-1836), 3ª ed., São Paulo: Martins, v. 1. [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 532 / 3ª ed. / v. 1], p. 10.

Imagem 3



CANDIDO, A. (1969): Formação da literatura brasileira: (momentos decisivos): 1º volume: (1750-1836), 3ª ed., São Paulo: Martins, v. 1. [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 532 / 3ª ed. / v. 1], p. 23.

Nas imagens, nota-se a explicação da condição periférica de nossa literatura, explicitada de modo contundente e insistente em consonância com a ideia de dependência. Ao mesmo tempo, as notas demonstram o interesse e o rigor com que Haroldo leu *Formação da Literatura Brasileira*. Observam-se anotações escritas a caneta esferográfica azul e preta, grifos em diferentes cores, indicativos de uma leitura sistemática, bem como de uma leitura realizada em momentos diferentes. Conforme Max Hidalgo Nácher:

Haroldo se nutre e apropria dos mais variados argumentos e os articula com o seu próprio trabalho crítico. As notas marginais, que constituem um procedimento de controle que possibilita a reconstrução do argumento, produzem apostilas, as quais permitem a Haroldo a introdução da sua voz na escritura, conectando-se com a tradição mediante um movimento de apropriação. (NÁCHER, 2018, p. 221)

São comuns as observações de Haroldo de Campos que remetem a outros assuntos e que demonstram relações que ele estabelecia; notas que indicam a continuidade de ideias entre as páginas do livro de Antonio Candido, por exemplo, a “página 30”, anotada em verde (terceira imagem). Essas notas são múltiplas, quase um palimpsesto, trazem uma diversidade de ideias, críticas e até mudanças na perspectiva da leitura.

Outro ponto que merece destaque é a mudança da caligrafia de Haroldo, que passa a ficar menos firme nas anotações, embora não seja claramente visível nesses trechos, demonstrando que *Formação da Literatura Brasileira* foi um dos livros mais lidos de sua biblioteca, ao longo de sua vida, desempenhando, como se sabe, papel fundamental em suas reflexões. Ao mesmo tempo, são bastante recorrentes as anotações em que Haroldo concorda com Candido ou aponta, nas suas anotações, o caminho de uma leitura crítica se não convergente, também não divergente. Sobre as anotações de Haroldo, Max Hidalgo Nácher esclarece, ainda:

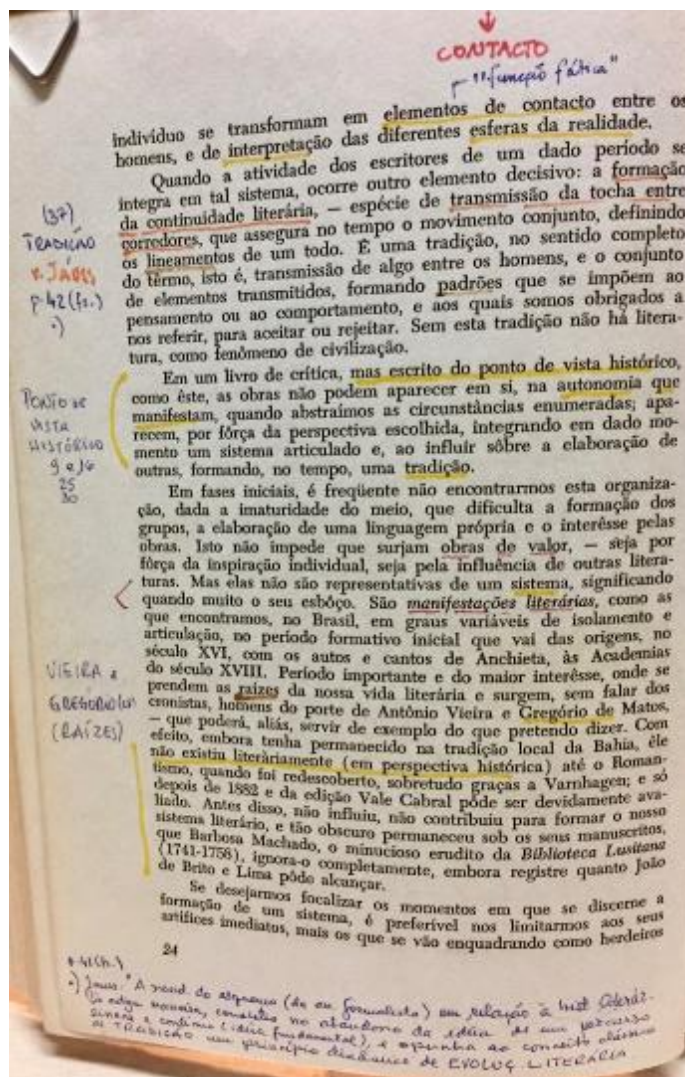
Haroldo sublinha os seus livros com marca-textos e canetas de cores (raras vezes com lápis), e resume o argumento, geralmente com uma ou duas palavras, nas margens. Além disso, comenta os textos em notas que remetem a críticas, associações ou, com frequência, a outros autores (muitas vezes indicando a referência com título e página). São raras as intervenções subjetivas (no sentido de interpolar o efeito afetivo que a leitura produz nele). Só os signos de exclamação escandem, às vezes, alguns textos. Se bem que, desde certo ponto de vista, isso poderia fazer pouco interessantes as suas anotações, o certo é que essa geral sobriedade é o resultado de um modo de trabalho que permite reconstruir o tecido intertextual que demarca o seu pensamento, e que às vezes prolonga em diversas direções de texto em texto. Essas inscrições mostram que o seu pensamento não é simplesmente pontual, mas circulatório. (NÁCHER, 2018, p. 221-222)

Em outras imagens dos escólios, recolhidas na biblioteca do acervo, são referenciadas, ainda, obras literárias e autores com os quais Haroldo de Campos estabeleceu conexões com a leitura que fez de Antonio Candido⁴. São relativamente frequentes os apontamentos relativos a Jauss, Jakobson e Walter Benjamin, cujo pensamento, conforme tenho abordado em outros trabalhos, teve papel crucial para a sistematização da visão da história aberta e crítica do presente, que Haroldo de Campos

⁴ A respeito das aproximações e afastamentos entre as abordagens da história feitas por Antonio Candido e Haroldo de Campos, numa perspectiva da teoria literária, cf.: NÁCHER, 2018.

propõe em *Poesia e modernidade. Da morte do verso à constelação. O poema pós-utópico* (CAMPOS, 1997).

Imagem 4

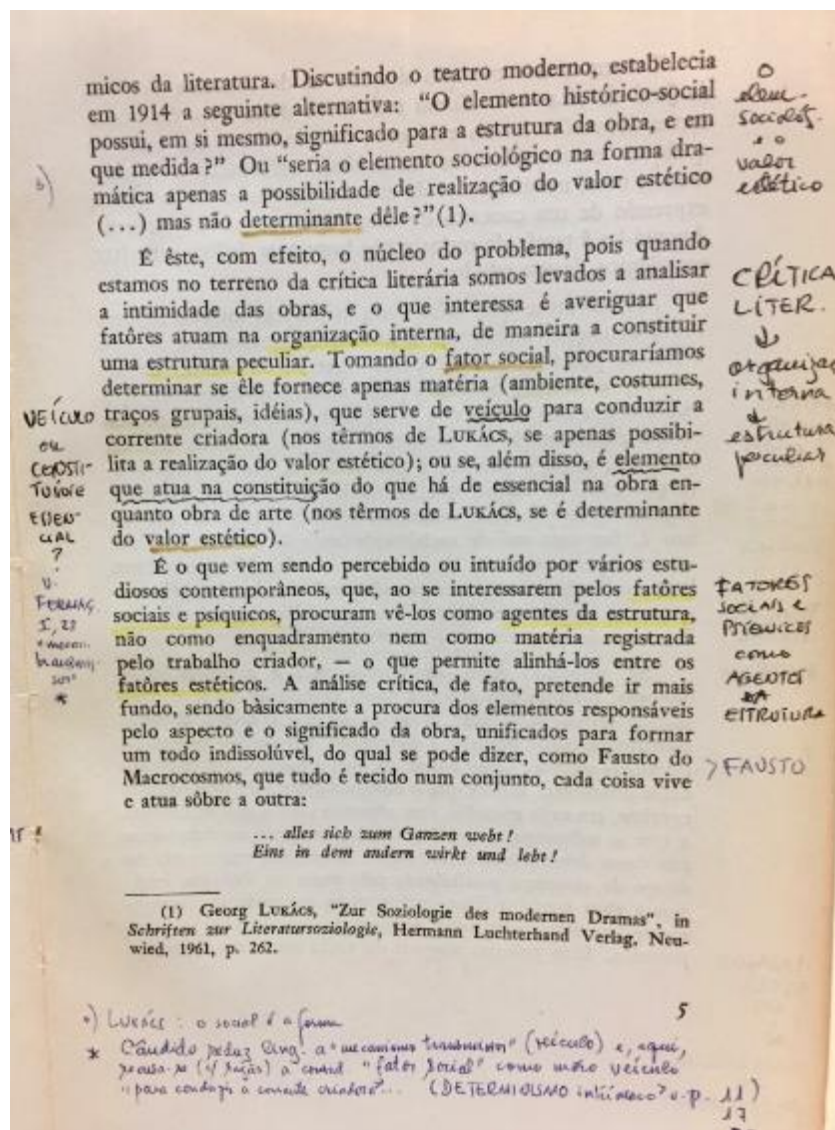


CANDIDO, A. (1969): Formação da literatura brasileira: (momentos decisivos): 1º volume: (1750-1836), 3ª ed., São Paulo: Martins, v. 1. [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 532 / 3ª ed. / v. 1], p. 24.

Em perspectiva mais ampla, vão se enlaçando em camadas distintas visões ou ainda, revisões marxistas da história. Some-se ainda a relevância dos diálogos entre Candido e Angel Rama e Haroldo e Emir Rodríguez Monegal, para nos restringirmos a algumas das trocas epistolares de ambos com intelectuais e escritores latino-americanos, de modo que a leitura das anotações de Haroldo de Campos abre um caminho para a investigação da

constituição de um pensamento latino-americano sobre a história e a história da literatura, de modo a relacionar uma discussão bastante vasta sobre o continente e sua dependência.

Imagem 5



CANDIDO, A. (1965): Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária, São Paulo: Companhia Editora Nacional (Ensaio, 3). [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 12058].

Não é meu objetivo aqui a discussão do texto de Candido ou a exploração das notas de Campos, tais aspectos são parte de uma pesquisa em andamento, de fôlego maior, em que proponho, a partir do estudo epistolar de Haroldo de Campos com alguns escritores e intelectuais latino-americanos, delinear parâmetros para uma história da literatura em chave mais ampla, conectada a um conjunto de ideias econômicas, sociais e políticas que

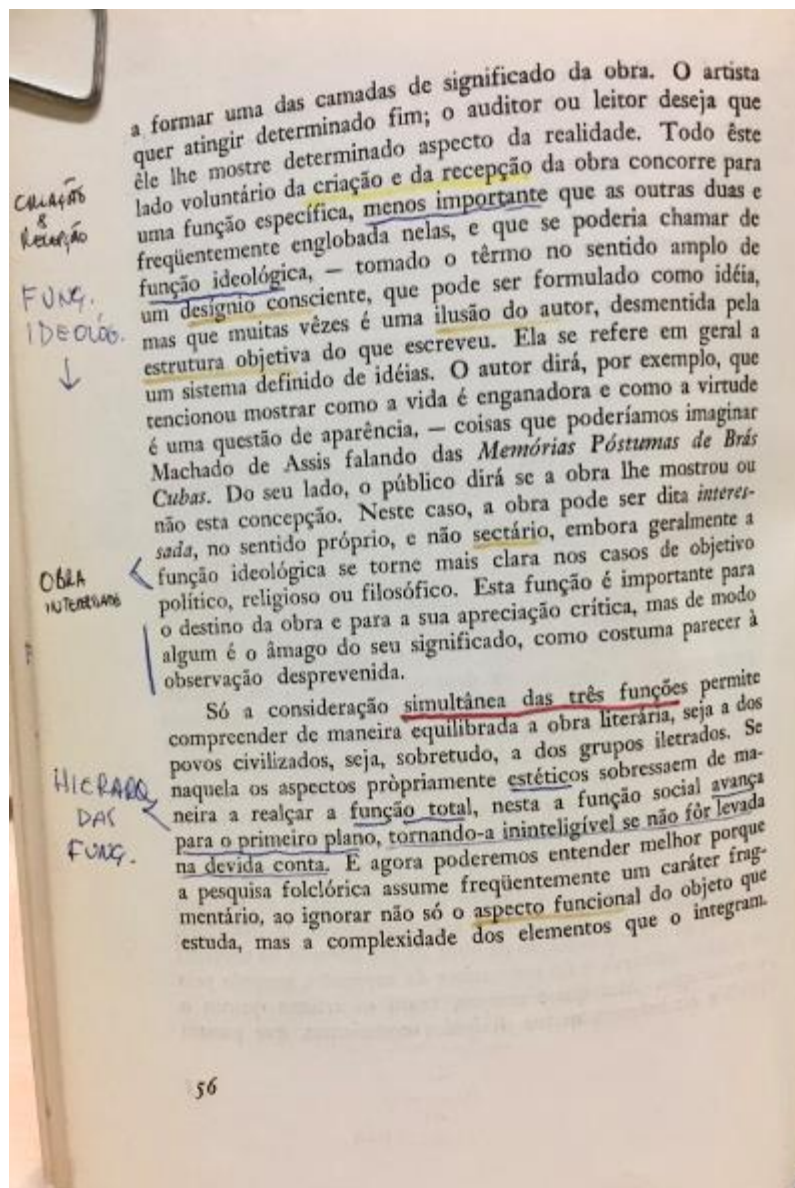
se entrecruzam. Alguns dados das anotações de Haroldo de Campos fortalecem essa hipótese.

1.2 Nacionalismo ontológico x nacionalismo modal

Em o *Sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*, publicado em 1989, portanto, 30 anos depois de *Formação da literatura brasileira*, Haroldo de Campos empreende a crítica mais severa e mais explícita ao estudo de Candido, destacando, entre vários aspectos, a importância de se considerar a primazia da função poética (ou estética) na análise da obra literária, e não apenas a função referencial. É nesse sentido que se torna, segundo Campos, insustentável o argumento de que a nossa literatura era apenas um ramo secundário da portuguesa, um arbusto, pois a qualidade da poesia de Gregório de Matos é inegável. O fato é que as premissas de ambos são diferentes, como são diferentes os pontos de partida. Não é meu objetivo aqui discutir a validade de uma ou outra posição, inclusive porque isso já tem sido feito exaustivamente.

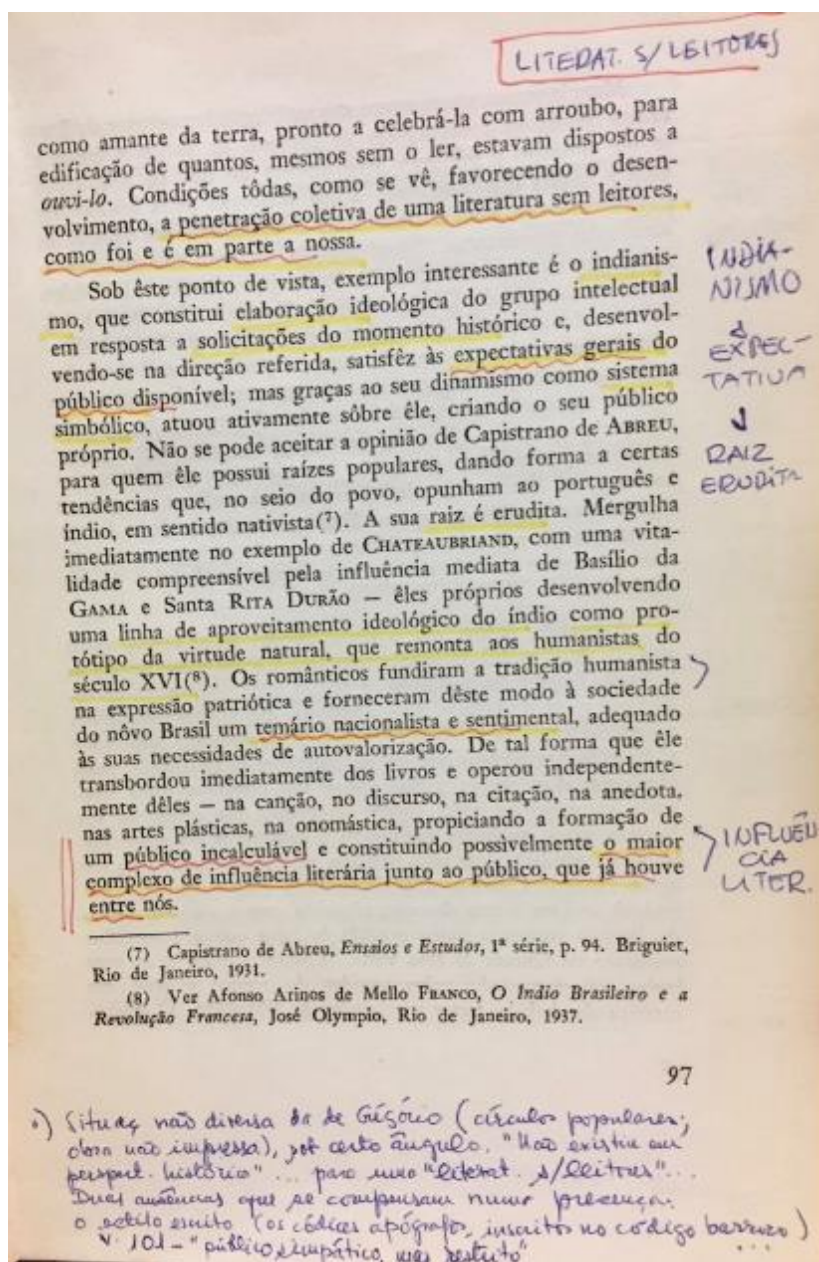
Observe-se a seguir as anotações de Haroldo no *Formação* a esse respeito. Chamo a atenção para a observação relativa à hierarquia das funções da linguagem, em remissão a Jakobson. Foram necessários anos após a leitura inicial da obra de Candido para que Haroldo formulasse as considerações sobre o *Sequestro do Barroco*. Parece-me que é crucial aqui considerar que, nesse período, o poeta e crítico desenvolveu suas reflexões acerca da poética sincrônica, aprofundou as leituras de Walter Benjamin (1986), Derrida (2002) e outros autores fundamentais dos quais se apropriou, tornando-os seu *paideuma crítico*, o que um percurso pelas notas dá a ver.

Imagem 6



CANDIDO, A. (1965): Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária, São Paulo: Companhia Editora Nacional (Ensaio, 3). [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 12058, p. 56

Imagem 7



CANDIDO, A. (1969): Formação da literatura brasileira: (momentos decisivos): 1º volume: (1750-1836), 3ª ed., São Paulo: Martins, v. 1. [Acervo Haroldo de Campos / Tombo / 532 / 3ª ed. / v. 1], p. 97

Embora seja no *Sequestro* que Haroldo se posicione explicitamente contrário ao que Candido aponta como origem da literatura brasileira em *Formação da literatura brasileira*, a meu ver, é no ensaio “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira”, de 1980, que o posicionamento de Haroldo se estabelece, de fato, a partir de outro lugar teórico-crítico em que se pode encontrar parâmetros bastante produtivos para o debate em torno das ideias de origem, formação e da própria dependência. Nesse ensaio,

Haroldo julga ter alcançado uma reflexão fundamental sobre nossa literatura, como demonstra a carta que escreve ao professor David Jackson, da Universidade de Yale, importante interlocutor e amigo do poeta, com quem manteve correspondência intensa⁵:

Imagem 8

Dear David:

Aqui há muito tempo que eu estava te escrevendo para o inglês, para uma eventual correspondência que eu possa ter aí, para um público não-anglo, mas não tinha espaço no programa de prioreiro (e inclusive não satisficções na outra universidade).

Não pude começar a terra desde logo ao libertar, porque não estava preparado para a tradução ao inglês (já que foi escrito inicialmente para uma audiência em português da Alemanha, de maneira de apresentar Brasil-então-então entre a cultura europeia).

Para facilitar o trabalho de tradução, escrevi um elenco de 3 substituições e cerca introduções no meu compêndio, mas não as indicarei a cada um frase. Ficaria feliz se você se interessasse e o libertar pudesse se comprometer de maneira de tradução (e a ilustração de texto para qualquer consulta e revisão). Para que, além disso, o texto (e não o título) se traduzisse e não fosse publicado em nenhum jornal ou revista em língua portuguesa, ou na própria Univ. de Texas, para assimilar a minha passagem entre vocês. Considere este trabalho um trabalho de apoio à cultura brasileira que produzi nos últimos tempos e quero que você, pessoalmente, o abraço de um amigo mais longo (talvez em algum dia) sobre a obra brasileira. O historiografia literária brasileira por exemplo (Candido, além de, do curso - de no total - que proficerei em outubro).

Muito logo notifiquei uma a St. Paul, como também (e não posso contar). O endereço da Maria Ilvica já está entre vocês e terá certeza que já entendo todas as coisas, pois soube a verdade por vocês antes de ler sua carta.

Com seu forte abraço e
devidamente, Maria Ilvica e Ivan,
Diana Junkes
St. Paul, 1/80

⁵ Agradeço imensamente a generosidade do professor Jackson por me mostrar e me autorizar a divulgar esta carta que julgo fundamental para o estudo do referido ensaio haroldiano. Ela foi discutida por mim em um artigo publicado em maio de 2017 na Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, que está disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/search/authors/view?firstName=Diana&middleName=Junkes%20Bueno&lastName=Martha&affiliation=Universidade%20Federal%20de%20São%20Carlos%20UFSCar%29&country=BR>>.

No ensaio, fica explicitado o ponto de vista de Haroldo acerca da literatura brasileira, a partir da defesa de um nacionalismo modal, conceito que toma emprestado da música modal. Conforme esclarece José Miguel Wisnik,

O campo *modal*, tal como é entendido aqui, abrange toda a vasta gama das tradições pré-modernas: as músicas dos povos africanos, dos indianos, chineses, japoneses, árabes, indonésios, indígenas das Américas, entre outras culturas. Ele inclui também a tradição grega antiga (que só conhecemos na teoria) e o canto gregoriano, que se constituem, ambos, em estágios modais da música do ocidente. (WISNIK, 2002, p. 9)

Dessa forma, o campo modal é sincrônico e, portanto, a partir do que ensina Haroldo em vários de seus ensaios, pode-se depreender que torna contemporâneas diferentes tradições, pois elas são ouvidas a partir do presente sem que a datação histórica implique em juízo de valor ou de qualquer outra espécie. O campo modal se contrapõe, musicalmente, ao campo tonal. Ainda com José Miguel Wisnik, tem-se:

O *tonal* abrange o arco histórico que vai do desenvolvimento da polifonia medieval ao atonalismo (formação, fastígio e dispersão do sistema tonal na música chamada “erudita”, da Europa), e tem seu momento forte entre Bach e Wagner (ou Mahler), do barroco ao romantismo tardio, passando pelo estilo clássico. (WISNIK, 2002, p. 9)

O tonal diz respeito a uma origem, a um marco inicial da história da música no ocidente, como ainda assevera Wisnik ao comentar a obra de Carpeux:

[...] gravitamos, segundo Carpeux, em torno da evolução tonal européia, e nisso consistiria necessariamente para nós a (história da) música. Convencido, como Spengler e Toynbee, de que “a música, assim como a entendemos, é um fenômeno específico da civilização”, e de que “em nenhuma outra civilização produziu fenômeno comparável à polifonia de Bach”, Carpeux omitiu coerentemente o capítulo costumeiro sobre músicas modais “étnicas”, e começa a sua história pelas melodias diatônicas (e terminantemente ocidentais) do canto gregoriano, porque elas são a base sobre a qual se constitui o tonalismo. (WISNIK, 2002, p. 10)

Sem entrar aqui na importância de uma tradição de pensamento que igualmente marca a trajetória de Antonio Candido, da qual Carpeaux e outros compartilham, em muitos aspectos, percebe-se que o lugar de que é proposta a *Formação da literatura brasileira* é bastante distinto do posicionamento de Haroldo em *Da razão*. Assim, mesmo que se exauram os debates em torno do *Sequestro do Barroco*, parece-me produtivo repensar também os termos originais de uma literatura e de uma história para contribuir com o debate.

Haroldo de Campos defende que a origem é rasurada, ideia que ecoa tanto em Derrida (2002) quanto em Octavio Paz, em “Invenção, subdesenvolvimento e modernidade”, ou seja, contrário à *parousia* do ponto de origem, Haroldo torna modal a abordagem da história literária, em que importa menos o seu início, ainda que pesem as implicações de sua delimitação em termos históricos, do que o modo como cada momento atravessa a história e permanece, amalgamando-se, a cada leitura, a outros momentos. Mas aqui também não se pode ignorar o contexto de produção do ensaio haroldiano, em meados de 1970, com publicação em 1980, pós-1968, em plena onda do pós-estruturalismo, da revisão das teses da CEPAL pelos governos latino-americanos, mergulhados em ditaduras militares e dívidas externas assombrosas, moratórias e pobreza. Ou seja, também o ensaio de Haroldo é menos lido em consonância com o espírito do tempo do que poderia.

Ao transferir a discussão para a questão da abertura da origem, Haroldo de Campos repropõe as premissas de Candido. Do modo como constrói a sua argumentação, não há sentido em considerar nossa literatura secundária, um arbusto apenas. Para Haroldo, é justamente o fato de a literatura e a arte resistirem à posição secundária, mesmo em um contexto de subdesenvolvimento econômico, que dá a elas uma especificidade e uma força ímpares, por isso, desconsiderar o barroco de Gregório de Matos seria uma posição antagônica àquela defendida por Engels na conhecida carta a Conrad Schimdt, que cito a partir do ensaio haroldiano:

Enquanto domínio determinado da divisão do trabalho, a filosofia de cada época supõe uma documentação intelectual determinada, que lhe é transmitida por seus predecessores e da qual ela se serve como ponto de partida. Isso explica porque países economicamente retardatários possam, não obstante, tocar o primeiro violino em filosofia.⁶ (CAMPOS, 1992, p. 232)

A posição de Engels sobre a história é muito singular, pois recusa a pesquisa histórica calcada em precondições de qualquer ordem, política, econômica ou religiosa, e avança na proposição de uma reconstituição constante da história. Não se deve ler aqui o “ponto de partida” apontado por Engels como origem, mas como uma condição que transcende a infraestrutura, não se submetendo a ela, do ponto de vista filosófico e artístico.

⁶ Haroldo cita a carta a partir do *Boletim Bibliográfico* (1983). Cf.: CAMPOS, 1992, p. 231-257.

Além de Engels, é importante não deixar de notar que, nesse momento, as leituras de Walter Benjamin, sobretudo as teses, ocupavam bastante Haroldo de Campos e foram definitivas para a proposição, em 1984, do conceito de pós-utopia. Em Benjamin, a história é aberta, como se sabe. Note-se, portanto, que Campos dialoga com pensamentos e ideias ruptores (a música modal, a origem rasurada derridiana, a história aberta benjaminiana, a (re)construção do passado, de Engels) e os traz para suas reflexões, alinhavando-os com a antropofagia e a poética sincrônica, sem dúvida um dos aportes mais importantes para a compreensão dos movimentos críticos de Haroldo. Diz Gonzalo Aguilar:

Esse conceito [leitura sincrônica] pode ser pensado como momento construtivo. A partir dele, e na figura do antropófago, a leitura “sincrônico-retrospectiva” faz uma crítica do gosto e do valor de suas funções na história literária. A política predomina sobre a história, e o passado se converte em algo que não é válido por si mesmo [...]. O lugar do antropófago imaginário não é a tribo, mas sim a biblioteca universal e “caótica”, plena de “labirínticos fichários” e de um trabalho de organização em que o sujeito central é o leitor. (AGUILAR, 2005, p. 349)

Fazendo uso de um expediente típico de seu *ethos* crítico, qual seja, a leitura sincrônica da tradição, a contemporização de variadas referências e a construção de argumentos tais quais dispostos num processo jurídico, Haroldo retoma as diferenças entre infraestrutura e superestrutura, ainda que não explicitamente, para, ao fim e ao cabo, questionar a tese do subdesenvolvimento na arte e, mais do que ela, a questão da origem da literatura brasileira.

Considerações Finais

Diante do que aponte aqui brevemente, creio que é importante notar que cada uma das construções teórico-críticas apresentadas permanece, porque são contribuições fundamentais, porém transformar em dogma as ideias de dois grandes pensadores como são Candido e Haroldo⁷ significa fechar o diálogo, impedir que o discurso crítico que endereçaram à sociedade constele, amplie-se, seja revisado.

Escrevo este texto conturbada pelo nosso próprio contexto. O que me ocorre diante das notícias é que há algo bem maior que a disputa pela verdade crítica que as seitas

⁷ Aproprio-me aqui do belo ensaio de Luís Costa Lima sobre Haroldo. Cf.: LIMA2005, s.p.

elegem. É preciso lembrar que o debate, o questionamento, o pensamento crítico e antidogmático deve, sim, ser preponderante, talvez seja uma forma de nos sensibilizarmos entre o que é divergência crítica e o que é negacionismo, o qual, infelizmente, impera de tal modo que Candido e Haroldo não poderiam imaginar.

Acima de qualquer debate entre suas ideias, estava o compromisso profundo com o conhecimento, a literatura, a nossa história e com o que há de humano na literatura e desumano na desigualdade social. Pontua Antonio Candido em “Direito à Literatura”:

[...] pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. Esta me parece a essência do problema, inclusive no plano estritamente individual, pois é necessário um grande esforço de educação e autoeducação a fim de reconhecermos sinceramente este postulado. Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo. [...] A luta pelos direitos humanos pressupõe a consideração de tais problemas e chegando mais perto do tema eu lembraria que são bens incompreensíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompreensíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo à justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer, e por que não, à arte e à literatura. (CANDIDO, 2004, p. 172-174)

A atualidade da reflexão de Antonio Candido salta aos olhos, toca profundamente em questões que deveriam ser prioridade. Na medida em que o acesso à arte e à literatura se torna um direito, o seu caráter humanizador se amplia. Não é à toa que assistimos hoje a um esfacelamento da cultura, do acesso aos bens artísticos e culturais e à massificação de valores que antes nos eram caros, seja na música que toca nas rádios, nos programas de TV, no que se espalha pelas mídias sociais, no alto preço dos livros que os tornam inacessíveis para grande parcela da população, como um projeto de desumanização. Haroldo de Campos diz em entrevista a Ademir Assunção:

Não é possível que um país como o Brasil, que tem aspirações à modernidade, mantenha uma estrutura agrária feudal, que não difere da estrutura da época da colônia. Mudaram os escravos. Antes eram os escravos que vinha da África, hoje são os escravos que são marginalizados, aqui mesmo, dentro do país. Não há país moderno que não tenha uma distribuição adequada, seja de terra, seja de renda. O Brasil, nas estatísticas, parece que está entre os primeiros lugares em termos de desigualdade de renda. Isso é um escândalo. Você não pode estar feliz quando vê grande parte da população brasileira em estado de miséria total, crianças que não chegam nem a desenvolver os seus órgãos intelectivos por falta de alimentação, e têm a sua vida útil prejudicada por falta de comida, de condições mínimas de sobrevivência. (CAMPOS, 2012, p. 19)

Os dois excertos mostram-nos as implicações políticas e sociais que cada um dos críticos incorporava às suas reflexões. Em outras palavras, ambos estavam do mesmo lado

da história, do lado que percebe, com muita acuidade, que, sem a superação das profundas desigualdades entre ricos e pobres, o direito à literatura e muitos outros, mais prementes, ficarão sempre à beira do impossível para milhares de brasileiras e brasileiros, ao mesmo tempo que a cultura de massa tal qual se apresenta e a manipulação das grandes corporações midiáticas afastam a população de um modo geral da possibilidade de uma leitura crítica do mundo.

Atualmente, como um uroboro perverso, que devora o próprio rabo, os impasses da crise política em que o Brasil se encontra, que se desdobra econômica e socialmente, cultural e artisticamente, não serão superados, a não ser por um governo democrático e que valorize o patrimônio imaterial da arte e da cultura. Em tempos em que o negacionismo assola, convocar dois pensamentos constelares e engajados, cada um a seu modo, significa apontar que a divergência entre as ideias foi profícua e diz de um modo de estar na produção de conhecimento: onde há concordância e sistemático consenso, o pensamento não progride, naufraga.

Tratar como verdade absoluta proposições intelectuais como as que os dois nos legaram é assumir um autoritarismo que é, em sua essência, antagônico à poesia, à crítica, à ciência. De minha perspectiva, desejo que haja muitos estudos questionando a validade das premissas de Antonio Candido e Haroldo de Campos, não para tomar partido, mas para fazer avançar o debate, a democracia, a compreensão dos gargalos que sufocam o espírito crítico deste país em tempos tão cinzentos.

Referências bibliográficas

AGUILAR, Gonzalo. *Poesia Concreta Brasileira: As vanguardas na encruzilhada modernista*. São Paulo: Edusp, 2005

ASSIS, Joaquim Maria Machado. Notícia atual da literatura brasileira: o instinto de nacionalidade [1873]. In: *Machado de Assis: crítica, notícia da atual literatura brasileira*. São Paulo: Agir, 1959. p. 28-34. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/cdrom/assis/massis.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

- BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, Arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Organização de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CAMPOS, Haroldo de. *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.
- CAMPOS, Haroldo de. Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira. In: *Metalinguagem e Outras Metas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1992. p. 231-257.
- CAMPOS, Haroldo de. Poesia e Modernidade: Da morte do verso à constelação: o poema pós-utópico. In: *O Arco Íris Branco*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 243-270.
- CAMPOS, Haroldo de. Galáxias em rotação. Entrevista a Ademir Assunção. In: ASSUNÇÃO, Ademir. *Faróis no Caos*. São Paulo: SESC, 2012, p.13-26.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Vol. 1. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1959.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162.
- CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura. In: *Vários Escritos*. Duas Cidades/Ouro sobre o Azul: São Paulo/ Rio de Janeiro, 2004, p. 169-192.
- FURTADO, Celso. *Formação da Econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1986.
- DERRIDA, Jacques. *Torres de babel*. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- EWBANK, Alice de Oliveira. Entre dominação e consciência: um olhar sobre a literatura em Antonio Candido. *Enfoques*, v. 14, n. 2, p. 171-197, dez. 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/enfoques/article/download/12664/8862>>. Acesso em: 10 dez. 2020.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- JUNKES, Diana. Constelações pós-utópicas: sobre a poesia de Haroldo de Campos. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 51, p.155-181, maio-ago. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/search/authors/view?firstName=Diana&middleName=Junkes%20Bueno&lastName=Martha&affiliation=Universidade%20Federal%20de%20São%20Carlos%20%28UFSCar%29&country=BR>>. Acesso em: 8 dez. 2020.
- LIMA, Luís Costa. O Multiplicador. In: MOTTA, L. T. (Org.). *Céu Acima: para um “tombeau” de Haroldo de Campos*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- NÁCHER, Max Hidalgo. O dispositivo de leitura de Haroldo de Campos. *452°F: Revista de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada*, n. 19, p. 217-233, 2018.
- PAZ, Octavio. “Literatura de Fundação”; “Invenção, subdesenvolvimento, modernidade”. In: *Signos em Rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 125-133.
- PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Brasiliense: 2004.

PRESBISCH, Raul. (1949). El desarrollo económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas. In: GURRIERI, A. *La obra de Prebisch en la Cepal*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

RICARDO, David. *Princípios de Economia Política e Tributação*. Tradução de Paulo Henrique Ribeiro Sandroni. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

WISNIK, José Miguel. *O som e o sentido*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Recebido em 20/12/2020

Aceito em 07/02/2021

ⁱ **Diana Junkes** é docente de literatura brasileira e teoria da literatura na Universidade Federal de São Carlos, onde coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas de Poesia e Cultura NEPPOC-CNPq. Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq. **E-mail:** dijunkes@ufscar.br